

Irene Enes

A constante reflexão acerca do seu tempo e dos efeitos deste sobre a natureza humana leva Aldous Huxley (1894-1963) a conclusões bastante pessimistas: o século XX, herdeiro do Positivismo e da metodologia naturalista-racionalista como formas ordenadoras do mundo, assiste à ascensão prodigiosa da ciência e da técnica, que se impõem, não apenas como decifradoras mas, e cada vez mais, como inventoras de uma realidade progressivamente mais fugidia, mais indeterminada, mais relativa e, por isso, mais propensa à transformação e à manipulação. O conhecimento está agora descentrado e a especialização crescente, resultante da cada vez maior implementação dos princípios científicos nos diversos sectores da sociedade, impede uma imagem ordenada do real.

E que papel cabe ao Homem desempenhar nesta Ordem dominada, obcecada até, pelos avanços da ciência e da técnica? Herdeiro da Modernidade, ao homem do século XX exige-se que desempenhe um papel activo na construção do conhecimento, que procure o seu esquema de valores, que transforme o mundo em vez de o contemplar, que seja um homem que faz e que se faz. Ansioso por corresponder ao que dele se espera, age desenfreadamente, manipula, transforma... e transforma-se simultaneamente em vítima e carrasco de si próprio, construindo um mundo cada vez menos humano, cada vez mais mecânico.

Enquanto escritor e homem preocupado com o seu tempo, Aldous Huxley faz parte de um grupo minoritário de pensadores conscientes do momento conturbado que a sociedade coeva atravessa. Quando ainda grande parte da humanidade encara os avanços da ciência e da técnica com optimismo, considerando-as como a principal fonte de progresso social e, deste modo, perspectivando nelas a revelação de uma Ordem inteligível, o autor alerta já para os efeitos nefastos que podem resultar da utilização desenfreada desses avanços. Este alerta é levado a cabo através da desconstrução da Ordem contemporânea, que Huxley transforma em Desordem ao longo do processo, revelando-lhe a sua dimensão negativa, potencialmente ameaçadora do individual e do colectivo.

Citação

Irene Enes, "Island: A Ordem Utópica de Aldous Huxley." *Via Panorâmica: Revista Electrónica de Estudos Anglo-Americanos / An Anglo-American Studies Journal* 2.^a ser. 1 (2008): 117-141. Web. <http://ler.letras.up.pt>>.

Para traduzir esta (Des)ordem contemporânea, o autor envereda pela Utopia como forma de expressão, recriando três possibilidades de evolução para a sociedade do século XX em três momentos diferentes: em 1932, surge *Brave New World*, em 1948, *Ape and Essence* é publicado e, em 1962, pouco antes de morrer, deixa-nos *Island*.

Ao eleger a Utopia como pano de fundo para o seu percurso, Huxley está consciente da importância desta enquanto produção cultural e do seu papel estruturante da imaginação colectiva, sem esquecer que a imaginação utópica aponta implicitamente para a noção de Ordem, na medida em que pretende sempre romper com a ordem estabelecida com o intuito de a substituir por uma nova.¹

Todavia, a sociedade coeva de Huxley não oferece grandes espaços para a utopia, como explica Robert C. Elliott:

To have faith in the possibility of utopia, one must believe in progress; but one looks back at our two great wars, our mass bombings, our attempts at genocide – our collective plunge into barbarism; one hears the Geiger counters of the world clicking away – and it is next to impossible for a rational man to believe in progress. To believe in utopia one must believe that through the exercise of their reason men can control and in major ways alter for the better their social environment; but few men outside some of the communist countries any longer have faith in the power of reason to bring about desired political ends of large magnitude. (87)

Para dar conta do cepticismo que começa a instalar-se entre alguns sectores da intelectualidade, o autor envereda então pela distopia, a variante negativa da utopia, cujo aparecimento resulta, segundo Raymond Trousson, não apenas da ansiedade gerada pelo possível estabelecimento dos regimes totalitários, mas também dos receios perante as possibilidades das ciências e da tecnologia e da extensão de um materialismo impiedoso. Para este autor, a distopia questiona o significado de uma sociedade criada às custas do homem, em que a felicidade resulta da falta de consciência e da mecanização do comportamento (Fortunati and Trousson 183).

A distopia afigura-se assim como o modo de expressão adequado aos propósitos de Huxley. *Brave New World* e *Ape and Essence* corporizam as sociedades distópicas através das quais desconstrói a (Des)ordem contemporânea e, simultaneamente, a própria noção de utopia que lhe serve de base, sustentada pela crença de que a ciência e a técnica, enquanto manifestações da supremacia da razão humana, conduziriam a humanidade à tão almeja perfeição. A reflexão de Nicolas Berdiaeff que serve de epígrafe a *BNW* representa a crise do pensamento utópico: associando a perfeição utópica à ausência de liberdade, este autor encara com angústia a realização eminente

das utopias contemporâneas, apontando como tarefa dos pensadores do século XX evitar que tal aconteça, de forma a possibilitar o regresso a uma sociedade não utópica, menos “perfeita” e mais livre.

De facto, o admirável mundo novo constitui o retrato perfeito da moderna utopia realizada sob a égide dos avanços da ciência e da técnica. A desconstrução desta utopia revela uma sociedade totalmente artificial que sucumbiu às aspirações totalizantes da ciência. A imposição da ordem científica leva à total materialização da sociedade: cultiva-se o progresso material, a felicidade material, o consumo material, enfim, tudo se transforma em matéria, inclusivamente o ser humano, agora produzido em laboratório, segundo rigorosos critérios científicos e industriais, tal como qualquer outro produto. Neste processo, o acto criador revela-se um acto desumanizador: o ser humano perde a sua individualidade e a humanidade transforma-se numa massa de autómatos, uniforme, amorfa, totalmente manipulável. Desta forma, e como afirma Lewis Mumford, a ciência revela-se o perfeito instrumento do poder, não apenas sobre o meio ambiente, mas também sobre o próprio homem, controlando não só a remodelação genética do seu corpo, mas também, através do condicionamento bioquímico, todo o seu organismo desde o seu nascimento (qtd. in Krishnan 133).

Em *Ape and Essence (AE)*, a segunda distopia de Huxley, o homem também se encontra despido de humanidade, tendo regredido à condição anterior de primata. Tal como em *Brave New World (BNW)*, o processo de desumanização resulta também dos avanços científicos. Todavia, enquanto no admirável mundo novo a ciência está ao serviço da criação de uma nova Ordem, mesmo que, afinal, se revele Desordem, em *AE* surge como factor de destruição. Ao serviço do Progresso e dos nacionalismos exacerbados, a ciência torna possível uma guerra atómica, que conduz o mundo a uma nova Idade das Trevas, onde impera a Desordem. No entanto, é nesta distopia que surge mencionada pela primeira vez a Ordem das Coisas: “And whenever evil is carried to the limit it always destroys itself. After which the Order of Things comes to the surface again” (*AE* 133).

1. Ao Encontro da *Ordem das Coisas*: A Realização Plena da Humanidade

Ainda durante o percurso de desconstrução e de denúncia da (Des)ordem contemporânea, que nega ao Homem o desenvolvimento e a vivência da sua humanidade, Aldous Huxley começa a delinear outro caminho, tentando descobrir soluções que lhe permitam construir uma Ordem alternativa, ou seja, um princípio de causalidade e de finalidade para o Homem e para o mundo.

Quando, em 1945, publica *The Perennial Philosophy*, o autor parece ter encontrado essa possibilidade na religião e no misticismo orientais. Todavia, os terríveis acontecimentos do final e do pós-segunda guerra mundial obrigam-no a retomar a linha pessimista de *BNW*. Em reacção aos horrores do mundo que o rodeia, Huxley publica *AE*, denunciando, em termos apocalípticos, as atrocidades que podem ser cometidas em nome da ciência, do Progresso, do nacionalismo ou da religião.

Apesar de, ao longo deste percurso, Huxley traçar um quadro extremamente pessimista da sociedade coeva e do futuro da Humanidade, detecta-se nas duas distopias analisadas um vislumbre de esperança, ainda que muito ténue. No admirável mundo novo, a possibilidade de abalar a (Des)ordem do Estado Mundial surge nas comunidades de exilados, situadas em ilhas, para onde são enviados os que demonstram falta de ortodoxia. No final da obra, Bernard Marx e Helmholtz Watson seguem esse destino, que Mond afirma ser uma recompensa e não um castigo:

'He [Bernard]'s being sent to an island. That's to say, he's being sent to a place where he'll meet the most interesting set of men and women to be found anywhere in the world, all the people who, for one reason or another, have got too self-consciously individual to fit into community-life. All the people who aren't satisfied with orthodoxy, who've got independent ideas of their own.' (*BNW* 207)

Deste modo, já em *BNW* Huxley introduz, ainda que de forma superficial, a ideia da ilha como possibilidade de realização da individualidade, possibilidade negada no Estado Mundial.

Também em *AE*, a fuga final de Poole e Loola em direcção à comunidade dos Hots, fora do domínio das malhas castradoras de Belial, deixa entrever a possibilidade de uma solução para o regime de terror em que vivem os habitantes do mundo pós-hecatombe nuclear. Esta possibilidade aponta para uma das ideias nucleares do novo percurso huxleyano: a de o Homem poder aceder à Ordem das Coisas se conseguir afastar-se das massas, recuperar a sua individualidade e, conseqüentemente, viver em plena humanidade.

No entanto, e apesar da réstia de esperança vislumbrada nas duas distopias, estas ficaram nas memórias da literatura como duas visões essencialmente pessimistas do presente e do futuro que a Humanidade reserva para si própria, ao construir e querer perpetuar uma (Des)ordem que impede os indivíduos de viverem a sua individualidade.

Todavia, e parafraseando Gerd Rohmann, não era intenção de Huxley que os pesadelos descritos em *AE* e *BNW* ficassem na história como a sua última palavra acerca do futuro da Humanidade (Rohmann 175). Após uma profunda

exploração e desconstrução da (Des)ordem contemporânea, isto é, do lado mais sombrio do homem e dos seus efeitos devastadores no mundo à sua volta, Huxley retoma a procura de uma Ordem alternativa. Este novo percurso culmina com a escrita de *Island*, a última obra de ficção do autor, considerada pela generalidade da crítica como o antídoto para os pesadelos recriados em *BNW* e *AE*.

Na altura em que o autor concede a última entrevista à publicação *Writers at Work: The Paris Review Interviews*, *Island* é ainda um *work-in-progress*, mas as grandes linhas de pensamento já se encontram bem estruturadas, como afirma Huxley:

At the moment I'm writing a rather peculiar kind of fiction. It's a kind of fantasy, a kind of reverse Brave New World, about a society in which real efforts are made to realize human potentialities. I want to show how humanity can make the best of both Eastern and Western worlds. (Interview 198)

O modo como o autor apresenta a obra evidencia, por um lado, a influência que *BNW* continua a exercer na sua escrita e, por outro, a recuperação da religião e misticismo orientais, aspectos que havia já desenvolvido em *The Perennial Philosophy* e que agora surgem como suporte da Ordem que possibilitará à Humanidade a realização plena das suas potencialidades.

Percorrendo o caminho inverso ao de *BNW*, *Island* é o sonho tornado realidade, o resultado da vontade de criar um mundo melhor para um Homem melhor. Nesta perspectiva, a preservação da integridade do indivíduo e a reavaliação do seu valor enquanto ser humano individual constituem o tema central da obra.

Como Huxley afirma na entrevista a *Paris Review*, as ideias que ganham forma em *Island* já estavam a desenvolver-se na sua mente, quando, no prefácio de 1946 para *BNW*,² descreve a terceira alternativa que daria ao selvagem, se reescrevesse a obra:

But to return to the future... If I were now to rewrite the book, I would offer the savage a third alternative. Between the utopian and the primitive horns of his dilemma would lie the possibility of sanity – a possibility already actualised, to some extent, in a community of exiles and refugees from the Brave New World In this community economics would be decentralist and Henry-Georgian, politics Kropotkinesque and co-operative. Science and Technology would be used as though, like the Sabbath, they had been made for men Religion would be the conscious and intelligent pursuit of man's Final End, the unitive knowledge of the immanent Tao or Logos and the Transcendent Godhead or Brahman. And the prevailing philosophy of life would be a kind of High Utilitarianism, in which the Greatest Happiness principle would be secondary to the Final End Principle . . . (Huxley, Forward)

A possibilidade de criar a comunidade perfeita a partir do que de melhor têm para oferecer o mundo ocidental e oriental, implícita neste excerto do prefácio, encontra-se claramente formulada dois anos mais tarde, em *AE*, num dos importantes diálogos entre Poole e o Arcebispo, representante da (Des)ordem que impera na sociedade do pós-holocausto nuclear, dominada pela figura alegórica de Belial:

'He [Belial] saw to it that mankind should make the worst of both worlds.'
'Just think if they'd made the best!' squeaks the Arch-Vicar. 'Eastern mysticism making sure that Western science should be properly used; the Eastern art of living refining Western energy; Western individualism tempering Eastern totalitarianism.' . . . 'Why, it would have been the kingdom of heaven.' (*AE* 124-25)

Cerca de catorze anos depois, embora o mundo ocidental continue nas mãos do homem-macaco, o hipoteticamente impossível reino dos céus de que fala o arcebispo em *AE* materializa-se em *Island*, "[n]um pequeno oásis de humanidade no meio da grande selva de macacos que é o mundo" (*Island* 130). A ilha de Pala é efectivamente o paraíso na terra, resultado do aproveitamento do melhor de todos os mundos, do oriental, do ocidental, do antigo, do moderno, dos mundos já realizados e dos que estão por realizar, da união entre o céu e o inferno, descrita pelo poeta William Blake, invocado por Robert MacPhail (*Island* 144, 145). É um mundo perfeito construído pelo Homem e para o Homem. Segundo Kumar, Pala conjugou o melhor do Ocidente (a ciência e a técnica) e o melhor do Oriente (a filosofia religiosa, a espiritualidade), misturando-os em doses equilibradas, de modo a criar uma vida idealmente equilibrada (Kumar 408). A esta ideia, Meckier acrescenta que, para criar a comunidade imaginária de Pala, Huxley heroicamente amalgama todas as ideias que admira, as suas e as de outros, construindo um paradigma total de vida, baseado nas concepções de Vedanta³ sobre a finalidade principal do Homem. Para este crítico, o romance é a receita huxleyana para a Humanidade, a sua resposta para alguns dos enigmas da existência, tais como o significado da vida, o nosso papel no mundo ou a forma de vivermos melhor (Meckier, *Critical Essays on Aldous Huxley* 20).

Retomando o prefácio a *BNW* de 1946, *Island* poderá então constituir a materialização da terceira possibilidade que o Huxley esteta e pirrónico do início dos anos trinta não conseguira dar ao selvagem, por não acreditar na possibilidade da existência da saúde de espírito. Trinta anos mais tarde, a comunidade de Pala desenvolve as linhas traçadas por Huxley no referido prefácio.

2. A Ordem Natural das Coisas

Better still, we have no omnipotent politicians or bureaucrats. Pala's a federation of self-governing units, geographical units, professional units, economic units – so there's plenty of scope for small-scale initiative and democratic leaders, but no place for any kind of dictator at the head of a centralized government.

Aldous Huxley, *Island*

Após ter desconstruído a (Des)ordem contemporânea, recriando uma sociedade cientificamente organizada em *BNW* e uma pseudo-democracia do proletariado em *AE*, Huxley parece ter encontrado o ponto de equilíbrio em *Island*, a terceira possibilidade, descrita no prefácio de 1946 como uma comunidade economicamente descentralizada e politicamente kropotkinesca e cooperativa. Deste modo, para recriar a comunidade utópica de Pala, Huxley recupera a corrente de pensamento anarquista, símbolo da recusa da autoridade, princípio central às formas sociais contemporâneas que o autor desconstrói ao longo das suas duas distopias. Nesta perspectiva, ao invocar o anarquismo como contraponto à (Des)ordem contemporânea, Huxley aponta para a definição elaborada por Woodcock na obra que dedica ao estudo desta corrente:

Historically, anarchism is a doctrine which poses a criticism of existing society; a view of a desirable future society; and a means of passing from one to the other . . . its ultimate end is always social change; its present attitude is always one of social condemnation
(Woodcock, *Anarchism* 7)

Esta definição evidencia as afinidades entre o pensamento anarquista e o género utópico, pois ambos visam a mudança social e ambos fornecem a visão de uma sociedade alternativa desejável. Num outro passo da obra, Woodcock refere a existência de variantes dentro do movimento anarquista e particulariza o tipo de mudança social que as une: a substituição de um estado autoritário por uma forma de cooperação não governamental entre indivíduos livres (*Anarchism* 11).

De todas as variantes do anarquismo, Huxley recupera especificamente o nome de Kropotkin, que Woodcock associa à variante do comunismo anarquista. Segundo este crítico, os comunistas anarquistas levam mais longe a ideia de Bakunin de adaptar as atitudes anarquistas a uma sociedade cada vez mais industrial, pois, além de colocarem os meios de produção sob a tutela das comunas locais e associações similares, também atacaram todo o sistema de salários e recuperaram a ideia, já defendida por Thomas More, de um comunismo literal, segundo o qual todos poderiam usufruir dos locais de

armazenamento comuns, de acordo com o slogan: "From each according to his means, to each according to his needs" (Woodcock, *Anarchism* 18). No artigo *Anarchism*, que Kropotkin escreve para a *Enciclopédia Britânica*, encontram-se algumas das ideias que presidem à construção da ilha de Pala.

Segundo este teórico do anarquismo, numa sociedade concebida sem governo, o Estado seria substituído por associações voluntárias que passariam a exercer as funções anteriormente exercidas por aquele. Para Kropotkin, estas associações livremente constituídas representariam uma rede interligada, composta por uma infinita variedade de grupos e de federações de todos os níveis e tamanhos, para levar a cabo todos os objectivos possíveis e para a satisfação das crescentes necessidades e aspirações do ser civilizado. Por outro lado, esta sociedade, tal como a vida orgânica em geral, estaria em constante mutação, e a harmonia existente resultaria de um incessante ajustamento e reajustamento do equilíbrio entre as múltiplas forças que a constituem. Nesta perspectiva, a Reforma de Pala, enquanto intenção política, aponta para a concretização destes princípios ao preconizar uma forma de autoridade que se vai tornando cada vez menos interventiva à medida que a sociedade progride, até ser substituída por associações de homens e mulheres livres. Ainda segundo Kropotkin, ao assentar no desenvolvimento da iniciativa local e pessoal e na livre federação do simples para o composto, este processo de descentralização, tanto territorial como funcional, conduz ao Progresso verdadeiro, que tem a realização individual como factor nuclear. Para este teórico, se a sociedade estivesse organizada de acordo com os princípios por ele defendidos, o Homem poderia desenvolver plenamente as suas faculdades nos diferentes domínios e atingir assim a *individualização* total (Kropotkin, *The Conquest of Bread* 233-35). Nesta perspectiva, a solução utópica da administração pública de Pala, à qual preside uma organização cultural que alarga a sua acção a toda a estrutura social, faz do Progresso não um fim em si próprio, mas apenas um meio ao serviço da realização plena da Humanidade. Em Pala não se pretende um progresso material e quantitativo, como na (Des)ordem contemporânea, mas sim um progresso humano, qualitativo. A ilha de Huxley, habitada por homens e mulheres que procuram a realização plena da sua individualidade, surge então como a materialização dos ideais humanistas de Kropotkin.

Sustentáculo da doutrina anarquista e da sociedade palanesa, a crença na evolução da sociedade e no conseqüente progresso humano pressupõe, para além da estreita relação entre o indivíduo e a sociedade, a ideia de que o Homem possui a capacidade de evoluir constantemente em direcção à perfeição. Estes princípios são recuperados de William Godwin, que Kropotkin refere como tendo sido o primeiro a formular as concepções políticas e económicas do

anarquismo em *Enquiry Concerning Political Justice* (Kropotkin, *The Conquest* 238). Geralmente identificado com a variante do anarquismo individualista, no extremo oposto do comunismo anarquista associado a Kropotkin (Woodcock *Anarchism* 19), Godwin afirma a individualidade e a independência do Homem, considerando o seu próprio entendimento como único agente regulador da sua conduta (Godwin 556, 198). No entanto, este pensador está consciente de que o ser humano é tendencialmente egoísta, parcial, ambicioso e sedento de lucro, e que, por isso, construiu para si uma (Des)ordem social dominada pela corrupção, pela guerra, pela fome e pelas desigualdades, imagem que se aproxima da (Des)ordem contemporânea desconstruída por Huxley (Godwin 83). Todavia, imbuído do espírito iluminista coevo, Godwin acredita que o indivíduo possui ainda outra característica fundamental: é perfectível, ou seja, detém em si mesmo a capacidade de evoluir continuamente (144-45). Neste sentido, para o pensador, a educação desempenha um papel primordial, pois são as circunstâncias em que o indivíduo é educado que vão formar o seu carácter e apenas quando estas forem alteradas poderá a Humanidade caminhar em direcção aos valores essenciais da justiça, da verdade e da felicidade (742). Só então atingirá um “estado superior de civilização”, que o autor define nos seguintes moldes: “The most desirable state of man is that in which he has access to all these sources of pleasure and is in possession of a happiness the most varied and uninterrupted. This state is a state of high civilization” (75). Nesta perspectiva, Godwin transforma a educação no sustentáculo da própria utopia.

Tendo como pano de fundo os ideais godwinianos, a sociedade palanesa parece ter atingido o “estado superior de civilização”. Com efeito, em Pala educa-se para a liberdade e para a felicidade. A educação visa antes de mais desenvolver a diversidade interior e exterior dos indivíduos, de acordo com as potencialidades e as dificuldades de cada um, de modo a transformá-los em seres humanos completamente desenvolvidos, livres e felizes, que não se deixem manipular pela sociedade de consumo e pela propaganda (*Island* 230).

A questão da manipulação da mente humana constituiu sempre um dos grandes motivos de preocupação de Huxley. Ao longo das suas duas distopias, o autor demonstra até que ponto uma mente manipulada perde a capacidade de pensar, impedindo o ser humano de agir por si-próprio, transformando-o num autómato, desumanizando-o. Mais tarde, em *Brave New World Revisited*, dedica um capítulo à educação, no qual define as bases de uma educação para a liberdade. Aludindo a *BNW*, o autor afirma que os governos futuros, não tendo à sua disposição a possibilidade da standardização genética, tentarão impor uma uniformidade cultural e social nos adultos e crianças, no mundo excessivamente

organizado e superpovoado do futuro. Nesse sentido, usarão todas as técnicas de manipulação da mente, ou seja, todos os métodos de persuasão não racional, ao seu dispor. De forma a evitar esta manipulação, Huxley propõe a educação para a liberdade e para a auto-gestão. Segundo o autor, a educação para a liberdade, expressão que serve de título ao capítulo, consiste em educar de acordo com os factos da diversidade humana e da singularidade genética e segundo os valores da liberdade, da tolerância e da caridade mútua. Huxley acrescenta que os efeitos da propaganda falsa e perniciosa só podem ser neutralizados através do exercício intenso da arte de analisar as técnicas propagandísticas, de modo a saber distinguir entre o uso correcto e o uso incorrecto da capacidade simbólica da linguagem (*Brave New World Revisited* 144-46).

A educação para a liberdade impede que os palaneses sejam facilmente manipuláveis. Conscientes de que a manipulação é um instrumento de poder, os ilhéus estão intelectualmente preparados para a desconstruir. Neste contexto, as aspirações ao poder – que também existem na Pala utópica⁴ – dificilmente se concretizam. Contudo, em Pala, a educação vai mais longe, evitando que a própria ambição de poder floresça. Para os palaneses, esta não deriva apenas das organizações sociais, mas também da anatomia, da bioquímica e do temperamento pessoais. Por isso, tem de ser refreada no plano político e no plano individual, através da educação e da medicina preventivas. Desta forma, cura-se a delinquência antes que se desenvolva. Em relação aos homens-músculo, os mais propensos a abusar do seu poder, as organizações sociais oferecem-lhes pouquíssimas oportunidades de tiranizarem as famílias, proporcionando-lhes uma evasão física para as suas energias (*Island* 175, 176).⁵

Educar, segundo factos e valores preconizados por Huxley, implica educar para a vida, para as palavras que se ligam às coisas. Neste sentido, a educação de todos os palaneses passa também pela experimentação de vários tipos de trabalho, desde o físico ao intelectual. Em todo este processo é indispensável a plena consciência do que se está a fazer e a experienciar. Por isso, também se educa para se prestar atenção ao *aqui* e ao *agora*. A educação remete desta forma para a filosofia de vida adoptada pelos palaneses, que professam o materialismo concreto como forma de atingir a espiritualidade concreta.

A instituição familiar também desempenha um papel fundamental no processo educativo, pois põe em prática os valores que se pretende inculcar nos palaneses. No plano institucional da família, Pala é igualmente uma sociedade descentralizada. Se em *BNW* proferir a palavra “mãe” constitui uma obscenidade, em Pala a situação não se altera substancialmente, pois a mesma palavra designa apenas o nome de uma função (*Island* 96-97). A família, tal como

é concebida pelo mundo ocidental, deixa de existir, na medida em que ela própria representa a (Des)ordem contemporânea. De modo a evitar que as famílias palanesas martirizem, tiranizem e enganem, tal como as do mundo ocidental, foram criados os Clubes de Adopção Mútua, constituídos por vários casais de tipos diferentes, onde todos adoptam os filhos de todos. Enquanto forte instituição cultural, a família contribui para o processo de hibridização das microculturas palanesas, fomentando a diversidade e o respeito pela diferença. Consequentemente, as relações entre os membros do grupo, e também entre os grupos, revelam-se mais sadias, existindo uma maior responsabilidade e uma compreensão mais profunda do outro. Ao contrário das famílias ocidentais, que, segundo Susila, vivem aferrolhadas dentro de uma cabina telefónica, em Pala a família não é exclusiva, não é predestinada nem é obrigatória (*Island* 98-100). Nesta ilha utópica, nada pode ser exclusivo, predestinado ou obrigatório, ou seja, nada pode ser artificialmente imposto. Integrados na Ordem Natural das Coisas, os palaneses só têm uma aspiração: viver plenamente a sua humanidade em harmonia com todos os organismos vivos, os da ilha e os do planeta (*Island* 240).

3. A Ciência ao Serviço da Humanidade Plena

'Whereas we,' said Dr Robert, "have always chosen to adapt our economy and technology to human beings – not our human beings to somebody else's economy and technology. . . . 'And what we can afford is limited not merely by our supply of pounds and marks and dollars, but also and primarily – primarily,' he insisted – 'by our wish to be happy, our ambition to become fully human.'

Aldous Huxley, *Island*

A Ordem palanesa, assente no indivíduo e na sua liberdade e felicidade, constrói-se contra a (Des)ordem científica de *BNW* e os seus efeitos desumanizadores.

Ao contrário do Estado Mundial, Pala não está organizada segundo os princípios da ciência e da técnica. Estas existem apenas para servir o indivíduo, e não o inverso, como no admirável mundo novo. No entanto, segundo Peter Firchow, a imagem da ciência em *Island*, tal como a de muitas outras questões, não é o simples negativo de *BNW*. Para este crítico, *Island* não representa nenhuma atitude de rejeição nem da ciência nem da técnica. Firchow vai ainda mais longe, ao afirmar que a eugenia e a inseminação artificial constituem a versão palanesa das incubadoras do admirável mundo novo. No entanto, o crítico aponta para a grande diferença entre os dois modos de encarar a

engenharia genética: apesar de praticarem o controle genético quase tão rigorosamente como os habitantes do Estado Mundial, os palaneses fazem-no voluntária e conscientemente, para se aperfeiçoarem sob todos os aspectos, sejam eles físicos, intelectuais, artísticos ou espirituais, e não para perpetuar qualquer sistema de castas rígido, como no Estado Mundial (Firchow 179-80).

Perpassando pela trilogia utópica, a questão da manipulação genética evidencia a preocupação de Huxley com a evolução da raça humana. Em *Brave New World Revisited*, o autor alerta para a diminuição da nossa qualidade biológica, apontando possíveis causas e consequências:

In the second half of the twentieth century we do nothing systematic about our breeding; but in our random and unregulated way we are not only overpopulating our planet, we are also, it would seem, making sure that these greater numbers shall be of biologically poorer quality. . . . In spite of new wonder drugs and better treatment (indeed, in a certain sense, precisely because of these things), the physical health of the general population will show no improvement, and may even deteriorate. And along with a decline of average healthiness there may well go a decline in average intelligence. (27-28)

Quatro anos mais tarde, *Island* apresenta algumas soluções para esta questão. Uma das causas que, segundo Huxley, estão na base da diminuição da qualidade biológica da raça humana é o excesso de população. Em Pala, este problema já se encontra resolvido. De forma a impedir o futuro crescimento populacional desmesurado, resultante de uma melhoria qualitativa e quantitativa das práticas alimentares palanesas, procedeu-se à limitação de paleonascimentos. Para tal, os palaneses ora recorrem ao uso de preservativos, distribuídos gratuitamente todos os meses, ora praticam o *maithuna* ou ioga do amor, designado pelos católicos romanos de *coitus reservatus*, que, além de funcionar como método anti-concepcional, permite aos que o praticam viver uma autêntica experiência espiritual (*Island* 82-92).

Além do excesso de população, Huxley também menciona a deterioração da saúde como factor de empobrecimento biológico. Para resolver o problema da fome e da alimentação deficiente, os palaneses, conscientes da importância da alimentação para o desenvolvimento dos seres humanos, criaram uma Estação Experimental, onde aplicaram a ciência à agricultura, procedendo, por exemplo, a uma espécie de manipulação genética das fontes de alimento: "In a few years we had new strains of rice and maize and millet and breadfruit. We had better breads of cattle and chickens. Better ways of cultivating and composting; and in the fifties, we built the first superphosphate factory east of Berlin" (*Island* 90).

Resolvida a questão da alimentação, a medicina encarrega-se de manter a população de boa saúde. Após uma longa pesquisa sobre os modos de o conseguir, os palaneses encontraram as respostas na multiplicidade de realidades que constituem o universo humano:

'Chemical answers, psychological answers, answers in terms of what you eat, how you make love, what you see and hear, how you feel about being who you are in this kind of world. . . . So whether it's prevention or whether it's cure, we attack on all the fronts at once. *All the fronts,*' she insisted, 'from diet to auto-suggestion, from negative ions to meditation.' (*Island* 71-72)

Desta forma, em Pala, a boa saúde consegue-se com a ajuda das diversas ciências, que, em conjunto, tornam possível uma abordagem total do ser humano e o respeito pela sua diversidade.

Mas a sociedade palanesa não está apenas preocupada em manter a boa saúde dos seus cidadãos. Ao contrário da sociedade ocidental, Pala preocupa-se com a qualidade da raça humana e utiliza as técnicas da Alta Refrigeração e da Inseminação Artificial em larga escala para a aperfeiçoar, tanto física como intelectualmente. Ao melhorar a qualidade dos descendentes, estas técnicas contribuem para que as famílias palanesas sejam enriquecidas com diversos tipos físicos e de temperamento, ajudando simultaneamente a evitar ou a reduzir possíveis defeitos congénitos (*Island* 213-215). Assim, em *Island*, a manipulação genética não está ao serviço da uniformidade, como em *BNW*, mas sim ao serviço da diversidade e da singularidade genética.

Além da manipulação genética, em Pala também se pratica o condicionamento pavloviano, um dos instrumentos fundamentais da ordem científica do Estado Mundial. Will assiste, e acaba por participar, numa sessão ministrada a um bebé, sessão que ele próprio define como "Pure Pavlov". No entanto, é logo informado de que o seu uso se destina a fins muito diferentes dos da (Des)ordem ocidental:

'But Pavlov purely for a good purpose. Pavlov for friendliness and trust and compassion. Whereas you prefer to use Pavlov for brain washing, Pavlov for selling cigarettes and vodka and patriotism. Pavlov for the benefit of dictators, generals and Tycoons.' (*Island* 216)

Todavia, o condicionamento nem sempre funciona na (Des)ordem ocidental. Como cobaias, os seres humanos são muito menos dignos de confiança do que os cães (*Island* 131) e a existência de Pala deve-se em grande parte à inadequação das regras do jogo freudiano e pavloviano ao sistema: ao contrário da sua família, o bisavô de Robert MacPhail não foi dominado nem

destruído por estes condicionamentos, provavelmente porque possuía uma constituição mais forte. Tal facto, permitiu-lhe participar na criação da Ordem palanesa, em ruptura com a (Des)ordem ocidental.

Apesar de por vezes recorrerem ao condicionamento, embora com fins diferentes dos do Estado Mundial, os palaneses fazem questão de se afastar da especialização fordiana. Ao contrário da uniformidade e do automatismo do admirável mundo novo, os ilhéus cultivam a diversidade e a multiplicidade praticando actividades variadas. Como parte do seu trabalho, debruçam-se sobre as ciências da vida, das plantas e do Homem, em vez de estimularem o consumo da própria tecnologia.

Para June Deery, *Island* mostra como as coisas poderiam ser se os homens se empenhassem no desenvolvimento moral e espiritual com a mesma intensidade com que se empenham no desenvolvimento tecnológico. Ao contrário da ciência "fria" de *BNW*, essencialmente contra a natureza, seja ela humana, animal, vegetal ou mineral, a ciência em *Island* é "quente", procurando trabalhar em harmonia com a natureza, nas suas diferentes vertentes. O resultado é a acomodação, o equilíbrio, em vez da exploração. A (Des)ordem ocidental e a fordiana visam em primeiro lugar conseguir o máximo rendimento no mínimo de tempo. A Ordem palanesa pensa antes de tudo nos seres humanos e na sua satisfação. Por isso, em Pala, a ciência não está ao serviço da uniformização, mas sim da diversidade humana e da singularidade genética, ajudando os palaneses a caminhar em direcção à Humanidade total.

4. A Realidade Última

Philosophia Perennis, – la formule a été crée par Leibniz; mais la chose, – la métaphysique qui reconnaît une Réalité divine substantielle au monde des choses, des vies et des esprits; la psychologie qui trouve dans l'âme quelque chose d'analogue, ou même d'identique, à la Réalité divine; l'éthique qui place la fin dernière de l'homme dans la connaissance du Fondement immanent et transcendent de tout ce qui est, – la chose est immémoriale et universelle.

Aldous Huxley, *La Philosophia Éternelle*

A partir dos anos quarenta, Huxley desperta para uma realidade espiritual mais profunda do que o mundo meramente fenomenal da experiência quotidiana. Face à impossibilidade de a ela poder aceder de forma directa e imediata, o autor direcciona o seu percurso para a espiritualidade e o misticismo (*La Philosophia Éternelle* v). Em *Island*, Huxley parece finalmente ter encontrado

nos princípios da religião budista e na filosofia oriental o meio para atingir o seu fim.

A espiritualidade constitui um dos pilares da Ordem de Pala. Para a construir, o autor envereda pelo Budismo tântrico e utiliza a *maithuna*, a meditação e a mocsá como experiências espirituais conducentes à Transcendência. No contexto do Budismo, o materialismo concreto constitui a matéria-prima de uma vida perfeitamente humana, servida por uma espiritualidade concreta a que se ascende por meio de uma compenetração completa e constante. Desta forma, o indivíduo não tem de renunciar ao mundo material nem de lhe negar o valor, devendo, pelo contrário, aceitá-lo e utilizá-lo, tirando partido de tudo para se libertar da prisão do seu próprio ser dividido, em direcção ao auto-conhecimento, que lhe possibilitará atingir a unidade e assim aceder à Realidade Total. Nesta viagem de auto-descoberta, um comportamento não é ritualmente eficaz se o indivíduo não participar com todo o seu ser, isto é, se o corpo, a palavra e o espírito não se empenharem por igual. Apenas assim a viagem poderá significar uma experiência total e, conseqüentemente, conduzir à visão da Realidade Una e Divina.

Neste contexto, o *maithuna* desempenha um papel fundamental. Além de estar ao serviço de uma causa social – o combate ao excesso de população – o ioga do amor surge como um meio psico-físico de se alcançar a transcendência, representando ainda a tentativa organizada da reconquista do paraíso da infância, período em que, segundo Freud, a sexualidade está espalhada por todo o organismo e não apenas localizado nos órgãos genitais. O segredo do *maithuna* reside em prestar atenção: atenção às nossas sensações e atenção à não-sensação em cada sensação. Esta experiência sensorial total conduz quem a pratica à experiência espiritual total, ou seja, ao ponto onde o indivíduo fica a saber quem de facto é (*Island* 81-82). Desta forma, atinge-se o auto-conhecimento, a grande finalidade do Homem, que lhe permite ascender à Realidade Última. Segundo os ensinamentos de Buda, é o auto-conhecimento que, ao conduzir o ser humano à unidade, pode pôr fim à tristeza inerente à condição humana, como explica o pequeno livro verde do velho Rajá, guia espiritual de Pala: “Conflicts and frustrations – the theme of all history and almost all biography. ‘I show you sorrow,’ said the Buddha realistically. But he also showed the ending of sorrow – self-knowledge, total acceptance, the blessed experience of Not-Two” (*Island* 37).

Tal como o *maithuna*, a experiência da meditação conduz ao auto-conhecimento. É praticada numa sala decorada apenas com um quadro de uma paisagem que, ao representar aquilo que as coisas são, faz lembrar às pessoas o que elas são, levando-as a realizar um acto de conhecimento sobre si próprias:

'... when you're confronted with a landscape like this, it's psychologically impossible for you to look at it with the eyes of a J. B. Watson or the mind of a Thomas Aquinas. You're almost forced to submit to your immediate experience; you're practically compelled to perform an act of self-knowing.

'Self-knowing?

'Self-knowing,' Vijaya insisted. 'This view of the next valley is a view, at one remove, of your own mind, of everybody's mind as it exists above and below the level of personal history.' (*Island* 207)

A meditação constitui assim um processo através do qual o Homem cultiva um estado de espírito capaz de converter as introspecções em revelações permanentes, sobre si e sobre o mundo.

O *maithuna* e a meditação como formas de auto-transcendência são complementadas com a mocsá, o "revelador da realidade", o " comprimido da verdade e da beleza" (*Island* 153). Tal como Huxley, Robert MacPhail defende o uso dos alucinogénios pelos ilhéus. Este permite-lhes, ao libertá-los do ego, viver experiências místicas completas e uma felicidade inexprimível, resultantes do vislumbre do mundo da beleza e da maravilha, que os sentidos não conseguem apreender no seu estado normal (*Island* 154-55).⁶

No capítulo 15 de *Island* é descrita a experiência espiritual de Will, que representa o culminar do seu percurso de aprendizagem da realidade palanesa. Ao experimentar a mocsá, o protagonista vive uma experiência total, em que o tempo deixa de existir. Will experimenta o êxtase de se sentir uno dentro da unidade total. Por momentos, o visitante tem um vislumbre da Realidade Última, ao consciencializar-se da unidade e da identidade de todas as coisas.

Desta forma, ao passo que em *BNW* a soma se destina a manter as massas calmas e felizes, transportando-as para um mundo de alegria inconsciente, escondendo-lhes a verdadeira realidade, em *Island* a mocsá é consumida com o objectivo de aumentar a consciência, revelando a verdadeira realidade. No mundo budista, pretende-se realizar a individualidade de cada um tão completamente quanto possível para depois a transcender. No admirável mundo novo, a individualidade é crime.

Os palaneses usam a mocsá para aceder a uma Realidade superior, prestando sempre atenção ao que os rodeia no aqui e agora. O objectivo das frases constantemente repetidas pelos pássaros é despertar as mentes do estado de inconsciência em que vivem mergulhadas para o mundo multiforme que as rodeia. Uma vez libertados do seu modo de ser e de ver temporariamente condicionado, os palaneses estão por fim aptos a apreender a realidade dentro de si e à sua volta e, posteriormente, a ascender à Realidade Última, à procura da qual Huxley dedica os últimos anos da sua vida.

5. A Caminho da Humanidade Total

In Pala, after three generations of Reform, . . . [t]here are only voluntary associations of men and women on the road to full humanity.

Aldous Huxley, *Island*

Island recria uma Ordem ao serviço do indivíduo, das suas capacidades e do seu bem-estar, visando a sua realização global e satisfação plena. Seguindo os princípios do Utilitarismo Superior, que, em 1946, Huxley havia escolhido como filosofia de vida para a sua comunidade utópica, Pala é “a ilha da liberdade e da felicidade” (*Island* 60).

O ponto de partida do Utilitarismo é o princípio da Utilidade, que John Stuart Mill também designa por princípio da Máxima Felicidade:

O credo, que aceita como fundamento da moral a Utilidade ou o Princípio da Maior Felicidade, sustenta que as ações são justas na medida em que tendem a promover a felicidade, e injustas quando tendem a produzir o contrário da felicidade. Por felicidade entende-se o prazer e a ausência de dor; por infelicidade a dor e a ausência de prazer.
(20-21)

Segundo Stuart Mill, este princípio moral baseia-se na filosofia de vida segundo a qual o prazer e a ausência de dor são as únicas coisas desejáveis como fins e todas as coisas desejáveis são meios para prevenir a dor e promover o prazer (21). Em Pala, a dor e o prazer, e por consequência, a felicidade, assumem uma conotação fortemente espiritual, pois estão subjugados à Realidade Total a que os palaneses procuram aceder. Desta forma, a felicidade palanesa não resulta da mecanicidade de se gostar daquilo que se é obrigado a fazer, como no admirável mundo novo, mas sim da satisfação de uma existência múltipla, em que o prazer resulta da auto-realização nos vários domínios da vida, desde o profissional, ao físico, ao emocional ou ao espiritual, de acordo com as potencialidades de cada um. Por outro lado, a sua ligação ao *maithuna*, à meditação e à mocsá, os reveladores da verdadeira realidade, confere à felicidade um plano espiritual. Nesta perspectiva, ao contemplar a diversidade e a singularidade genética, e informada pela espiritualidade concreta, a felicidade é usufruída por todos os palaneses, mesmo pelos menos inteligentes e talentosos. Pala transforma-se assim na materialização do critério utilitarista: “So you see, Mr Farnaby, Pala's the place for stupid people. The greatest happiness of the greatest number – and we stupid ones are the greatest number” (*Island* 210).

Em Pala vive-se uma espécie de Hedonismo espiritual, ao passo que no Estado Mundial o prazer é puramente material. O importante para os Palaneses é a felicidade de dentro para fora. Os habitantes do admirável mundo novo

foram esvaziados do seu interior. Na Ordem palanesa todos os indivíduos existem para se realizarem, para se transformarem em seres humanos totalmente desenvolvidos. Na (Des)ordem ocidental destinam-se ou ao consumo em massa, nas sociedades capitalistas, ou ao fortalecimento do estado nacional, nas sociedades comunistas (*Island* 230). Na (Des)ordem fordiana os indivíduos já são apenas uma extensão do Estado Mundial.

Ao contrário do admirável mundo novo, no qual todos pertencem a todos, em Pala ninguém pertence a ninguém. Respeita-se a multiplicidade e a diversidade e aspira-se à totalidade. Deste modo, a educação dos palaneses passa também por experimentar os diferentes trabalhos existentes na sociedade, desde a pesquisa científica até ao cortar de lenha. As diversas experiências contribuem, por um lado, para realizar as diferentes facetas de cada um e, por outro, para fomentar o maior respeito pelo outro. Através de *Island*, Huxley recria a possibilidade de uma existência sã de espírito. Os palaneses acreditam ser essencialmente sãos e naturalmente bons e não pecadores loucos, como o resto da humanidade, que navega no mesmo barco cósmico em naufrágio Perpétuo (*Island* 70).

Em *Island*, a felicidade passa também por viver em equilíbrio com a Natureza. O caminho em direcção à Humanidade Total implica a descoberta e o culto de uma vivência em harmonia com todos os seres vivos, não só da ilha como também de todo o planeta (*Island* 240). Por isso, a comunidade palanesa não navega em perpétuo naufrágio, mas sim à tona, perfeitamente integrada no movimento perpétuo do Cosmos. Os palaneses parecem assim ter recuperado o lugar do ser humano na Ordem natural das coisas, um lugar que ele tinha voluntariamente perdido para poder manipular e transformar a natureza à medida da sua visão antropocêntrica do mundo. Esta vontade de reintegrar o Homem na Ordem das Coisas revela a consciencialização das gentes de Pala para a importância das questões ecológicas. Não é por acaso que a educação em Pala começa pela ecologia. Desde cedo as crianças aprendem que nada existe isoladamente, e que viver implica relacionar-se (*Island* 241). No entanto, e de acordo com os princípios ecológicos, para o indivíduo ser parte integrante da natureza terá de viver segundo as leis do mundo natural. Terá de combater os excessos e de não destruir o que o rodeia, para ele próprio não ser destruído. Em Pala ensina-se que o equilíbrio se constrói entre o dar e o receber, por isso o Homem apenas poderá sobreviver neste planeta se tratar a natureza com compaixão e inteligência. Deste modo, os princípios da ecologia elementar desempenham um papel fundamental no aperfeiçoamento da natureza humana, acabando por ir de encontro aos ensinamentos do budismo elementar, seguido pelos palaneses (*Island* 242-43).

Integrados na Ordem das coisas, os palaneses recusam-se a ser dominados pelos conceitos, e especialmente pelo conceito de tempo. Esta recusa implica uma outra: a de subjugar, em nome do Progresso, a realidade presente a um futuro incerto e, provavelmente, miserável. O Progresso (associado aos interesses petrolíferos) e o futuro não exercem qualquer espécie de fascínio sobre estes homens e mulheres pois são incompatíveis com a liberdade e felicidade de que desfrutam no *aqui* e no *agora*.

Island parece, então, querer demonstrar que a vida, se vivida com sabedoria, pode ser o paraíso na terra. Todavia, viver com sabedoria implica uma reavaliação da natureza e da ecologia. Desta forma, a obra antecipa um problema cuja resolução se tornou uma questão de sobrevivência para a humanidade: a necessidade da reconciliação dos interesses económicos com os princípios ecológicos. À frente do seu tempo, Huxley elege a ecologia como um dos grandes temas utópicos da sua última obra ficcional, e do nosso tempo. Na sua última comunicação, intitulada "The Politics of Ecology: The Question of Survival", em 1963, o autor alerta para a necessidade de se encarar a ecologia como uma questão prioritária:

Only when we get into our collective head that the basic problem confronting twentieth-century man is an ecological problem will our politics improve and become realistic. . . . By shifting our attention from the now completely irrelevant and anachronistic politics of nationalism and military power to the problems of the human species and the still inchoate politics of human ecology we shall be killing two birds with one stone – reducing the threat of sudden destruction by scientific war and at the same time reducing the threat of more gradual biological disaster. (qtd. in Nugel, *Now More than Ever* 176)

A caminho da Totalidade, os palaneses já resolveram o problema ecológico, cuja existência grande parte do resto do mundo ainda desconhece. A Ordem de Pala, informada pelo tolerante sincretismo religioso da *Philosophia Perennis*, por uma política pacifista, pela industrialização selectiva, pelo uso equilibrado dos recursos renováveis, pelo controle da natalidade e, sobretudo, por uma concepção optimista do ser humano, permite aos palaneses a realização plena das suas potencialidades. Esta realização, que passa necessariamente pela adopção de uma nova atitude perante a Natureza, é oferecida ao leitor como a solução utópica.

6. *Island*: A Solução sem Solução?

I haven't worked out the ending, but I'm afraid it must end with paradise lost – if one is to be realistic.

Aldous Huxley, "Culture and the Individual"

Apesar de oferecer a Ordem Palanesa como uma alternativa possível à (Des)ordem ocidental, Huxley não consegue apresentá-la como uma alternativa viável. Poder-se-á mesmo considerar notável o modo como o autor constrói uma verdadeira utopia de forma realista, por paradoxal que tal possa parecer. O facto de Huxley usar uma epígrafe de Aristóteles é o primeiro indício revelador da sua intenção de forjar o seu sonho, sem nunca esquecer que se trata de um sonho impossível de concretizar.

De facto, a construção da Ordem palanesa alerta constantemente para a impossibilidade da sua existência perante a desordem que paira à sua volta. Apesar de se basear no melhor de todos os mundos, Pala é uma sociedade fechada ao exterior, que a apelida de "ilha proibida". Como refere Peter Firchow, a ilha está isolada, tanto literal como espiritualmente, pois está cercada por bárbaros loucos, poderosos e ameaçadores, enquanto os palaneses são sãos de espírito, humanos e civilizados (179).

No entanto, os palaneses também parecem isolar-se voluntariamente do exterior, do qual falam com um certo desprezo: no início do capítulo oito, Robert MacPhail afirma, com uma expressão de repugnância, que em Shivapuram, onde funciona o governo, o mundo exterior, com todas as suas loucuras organizadas, está continuamente a dar cabo dos palaneses (*Island* 120). A mesma personagem, noutro passo, em diálogo com Will, refere-se ao mundo ocidental como "Your part of the world" (*Island* 128). Com efeito, Pala é um mundo à parte: não consta em nenhum bom livro nem se integra em nenhum dos dois blocos que governam o mundo ocidental. Os palaneses sabem que se forem invadidos ninguém os defenderá, pois todos estão interessados em explorar os seus grandes jazigos de petróleo. Mesmo a referência às Nações Unidas como a única força que pode ajudar Pala carece de convicção (*Island* 121-22). Apesar de estarem conscientes de que as futuras intenções de Murugan põem em risco a sobrevivência de Pala, não são tomadas nenhuma medidas de precaução.

Nesta perspectiva, toda a construção da Ordem palanesa parece apontar para a sua destruição. No final, perante o som das armas e dos altifalantes, representantes da (Des)ordem ocidental, o fim eminente de Pala parece inevitável.

Como afirma a Will o embaixador Bahu, um dos cérebros do coronel Dipa, a política palanesa é perfeitamente errada por estar total e excessivamente

certa, por ser tão perfeitamente adequada a tornar todos os homens, mulheres e crianças desta ilha fascinante tão perfeitamente livres e felizes quanto possível. Para este esclarecido representante da (des)ordem totalitária de Rendang, tais objectivos estão totalmente fora do contexto e são completamente irrelevantes perante a actual situação do mundo e, especialmente, da de Pala (*Island* 59-60).

Desta forma, e para finalizar em consonância com a actual situação do mundo, Pala só poderia acabar com o triunfo final da (Des)ordem ocidental. Como afirma Firchow: "That is how Pala must end – another and better Atlantis brought down by an explosion of human ignorance and greed" (184). Para se ser realista, a Desordem tem de triunfar. E Huxley nunca deixa de ser realista. Por isso Pala tem de ser um paraíso perdido.

No entanto, parece-me importante referir aqui um aspecto que não vi mencionado em nenhum texto crítico, mas onde poderá radicar a explicação quer para a designação utópica desta ilha, quer para a ideia de paraíso que a sustenta. Referindo-se ao controle da natalidade na ilha de Pala, Huxley emprega a expressão "Paleo-Birth Control" (*Island* 91). Na minha perspectiva, a origem etimológica da palavra "Paleo", poderá lançar uma nova luz sobre o desfecho distópico de *Island*: "Paleo", do grego Palaiós, remete para a ideia de "antigo", de "primitivo", de "pré-histórico", de algo que ocorreu outrora. Neste sentido, a sociedade que o velho Rajá e Andrew MacPhail fundaram nos finais do século XIX parece ter como referente uma filosofia antiga, desde sempre latente no espírito de todos os homens e, ao longo dos tempos, materializada pelos sonhos de alguns.

Deste modo, a invasão da ilha pelas tropas do Coronel determina o fim da utopia de Pala, mas o referente utópico que lhe deu vida mantém-se, podendo ser renovado a qualquer momento por outros homens destemidos, que acreditam na realização plena da humanidade. Assim, dentro de uma utopia com desfecho aparentemente distópico, a possibilidade de renovação utópica mantém-se, oferecendo-se como plataforma para novos sonhos, novas visões,novas Palas!

Notas

¹ Karl Manheim, em *Ideologia e Utopia*, limita o termo “utopia” ao tipo de orientação que transcende a realidade e que, ao mesmo tempo, rompe as amarras da ordem existente. O autor aponta ainda para o princípio vital que vincula o desenvolvimento da utopia com o desenvolvimento de uma ordem existente e acrescenta que, neste sentido, a relação entre a utopia e a ordem existente aparece como uma relação dialéctica (Manheim 216-222).

² Parece-me interessante o confronto do passo citado com as ideias que Huxley avança na entrevista que concede a George Wickes e a Ray Fraser:

INTERVIEWERS: In the 1946 preface to *Brave New World* you make certain remarks that seem to prefigure this new utopia. Was the work already incubating then?

HUXLEY: Yes, the general notion was in the back of my mind at that time, and it has preoccupied me a good deal ever since, though not necessarily as the theme for a novel. For a long time I had been thinking a great deal about various ways of realizing human potentialities; then about three years ago I decided to write these ideas into a novel. (199)

Para George Woodcock, este novo percurso do autor começou a delinear-se bem antes, já em 1940. Este crítico afirma que Huxley começou a trabalhar em *Island* de forma mais profunda em 1956, acrescentando que todas as suas obras de 1952 a 1962, mesmo não tendo sido uma preparação deliberada para o romance, conduzem a ele (Woodcock, *Dawn and the Darkest Hour* 268).

³ Segundo o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, o termo Vedanta refere-se ao sistema ortodoxo de filosofia da Índia, derivado do *mimansa*, que se cristaliza em diversas escolas que afirmam a unidade essencial de todas as coisas e fundamentalmente se orienta no sentido da obtenção da mocsa [do sânscrito moksa, “liberação”], através da qual, segundo a maioria dos sistemas filosóficos da Índia, se atinge a finalidade principal da vida humana, que se traduz num estado de perfeição, liberto de paixões e de inquietudes, resultado e função específica do conhecimento verdadeiro (Ferreira 1757).

⁴ Para Paul Ricoeur a questão do poder é indissociável da própria noção de utopia. Em *Ideologia e Utopia*, o autor refere-se à noção de utopia enquanto variação imaginativa sobre o poder (Ricoeur 486-487).

⁵ No entanto, a ambição do poder é uma ameaça latente em Pala, e acabará por se tornar realidade no final, quando as tropas do coronel Dipa, o representante da (Des)ordem totalitária, invadem a ilha.

⁶ Em 1954, Huxley publica *The Doors of Perception*, onde descreve a sua viagem transcendental após ter tomado mescalina e defende o uso de alucinogénios como meio de modificar o modo de consciência normal: “Administered in suitable doses, it [mescaline] changes the quality of consciousness more profoundly and yet is less toxic than any other substance in the pharmacologist’s repertory” (5). Num artigo que escreve em 1996 sobre a demanda de Huxley pelo universo do psicadelismo, Kulwant Gill afirma que Huxley explora as avenidas da realidade espiritual através dos alucinogénios para conseguir uma forma fácil de auto-transcendência para o homem moderno, espiritualmente doente e separado da Realidade Última. O crítico acrescenta que foi o intenso desejo de procurar a eternidade que levou Huxley a experimentar drogas, pois estas conduzem a uma experiência espiritual genuína (Gill, “The Quest for Synthetic Saintwood” 213).

Obras Citadas

- Deery, June. "Technology and Gender in Aldous Huxley's Alternative (?) Worlds." *Critical Essays on Aldous Huxley*. Ed. Jerome Meckier. New York: G. K. Hall & Co., 1996.
- Elliott, Robert C. *The Shape of Utopia. Studies in a Literary Genre*. London and Chicago: The University of Chicago Press, 1970.
- Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 2.^a ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1986.
- Firchow, Peter. *Aldous Huxley: Satirist and Novelist*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1972.
- Fortunati, Vita, and Raymond Trousson, eds. *Dictionary of Literary Utopias*. Paris: Editions Champion, 2000.
- Gill, Kulwant S. "Crisis of Double Consciousness in the Huxley Canon." *Now More Than Ever: Proceedings of the Aldous Huxley Centenary Symposium Munster 1994*. Ed. Bernfried Nügel. Frankfurt: Peter Lang, 1995. 187-205.
- . "The Quest for Synthetic Saintwood." *Critical Essays on Aldous Huxley*. Ed. Jerome Meckier. New York: G. K. Hall & Co., 1996. 208-219.
- Godwin, William. *Enquiry Concerning Political Justice*. Harmondsworth: Penguin, 1985.
- Huxley, Aldous. *Ape and Essence*. 1948. London: Flamingo, 1994.
- . *Brave New World*. 1932. London: Flamingo, 1994.
- . *Brave New World Revisited*. 1959. London: Chatto & Windus, 1960.
- . "Culture and the Individual." *The Psychedelic Library Homepage*. 1963. Web. 12 Dec. 2008.
- . *Do What You Will*. London: Watts & Co., 1936.
- . Forward. *Brave New World*. 1946. By Huxley. London: Flamingo, 1994.
- . *Island*. 1962. London: Flamingo, 1994.
- . Interview by George Wickes and Ray Fraser. *Writers at Work: The "Paris Review" Interviews*. Second Series. New York: Viking, 1963. 193-214.
- . *La Philosophia Éternelle*. 1945. Paris: Librairie Plon, 1951.
- . *Music at Night and Other Essays*. 1931. London: Chatto & Windus, 1957.
- . *Texts and Pretexts*. 1932. London: Chatto & Windus, 1939.

- . *The Doors of Perception: Heaven & Hell*. 1954-1956. London: Chatto & Windus, 1960.
- . *The Olive Tree and Other Essays*. London: Chatto & Windus, 1936.
- Huxley, Julian, ed. *Aldous Huxley 1894-1963. A Memorial Volume. Together with His Last Essay "Shakespeare and Religion"*. London: Chatto & Windus, 1965.
- Krishnan, Bharati. *Aspects of Structure, Technique and Quest in Aldous Huxley's Major Novels*. Stockholm: Almqvist and Wiksell, 1997.
- Kropotkin, Peter. *The Conquest of Bread and Other Writings*. Ed. M. S. Shatz. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- . "On Order." *Le Revolté*, 1 Oct. 1881 (?). *Anarchy Archives*. Web. 12 Dec. 2008.
- Kumar, Krishan. *Utopia and Anti-Utopia in Modern Times*. Oxford: Basil Blackwell, 1991.
- Kumar, Krishan, and Stephen Bann, eds. *Utopias and the Millennium*. London: Reaktion Books, 1993.
- Mannheim, Karl. *Ideologia e Utopia*. Trad. Sérgio Magalhães Santeiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.
- Marx, Karl. *Manuscritos Económico-Filosóficos*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1993.
- Meckier, Jerome. *Aldous Huxley: Satire and Structure*. London: Chatto & Windus, 1971.
- , ed. *Critical Essays on Aldous Huxley*. New York: G. K. Hall & Co., 1996.
- Mill, John Stuart. *Utilitarismo*. Coimbra: Atlântida, 1961.
- Nugel, Bernfried. "Aldous Huxley's Revisions in the Final Typescript of *Island*." *Now More Than Ever: Proceedings of the Aldous Huxley Centenary Symposium Munster 1994*. Ed. Nugel. Frankfurt: Peter Lang, 1995. 225-43.
- , ed. *Now More Than Ever: Proceedings of the Aldous Huxley Centenary Symposium Munster 1994*. Frankfurt: Peter Lang, 1995.
- Ricoeur, Paul. *Ideologia e Utopia*. 1986. Trad. Teresa Louro Perez. Lisboa: Edições 70, 1991.
- Rohmann, Gerd. "Island: Huxley's Ecological Utopia." *Now More Than Ever: Proceedings of the Aldous Huxley Centenary Symposium Munster 1994*. Ed. Bernfried Nugel. Frankfurt: Peter Lang, 1995. 175-85-

Watt, Donald, ed. *Aldous Huxley: The Critical Heritage*. 1975. London and New York: Routledge, 1997.

Watt, Donald. 1996. "The Manuscript Revisions of *Brave New World*." *Critical Essays on Aldous Huxley*. Ed. Jerome Meckier. New York: G. K. Hall & Co., 1996. 73-87.

Woodcock, George. *Anarchism*. 1963. Harmondsworth: Penguin, 1979.

---. *Dawn and the Darkest Hour, a Study of Aldous Huxley*. London: Faber and Faber, 1972.